

SHIRLEY JACKSON

«Uma das histórias de terror mais perfeitas que já li.»

STEPHEN KING



A MALDIÇÃO DE HILL HOUSE



cavalo de ferro

Para Leonard Brown

1

Nenhum organismo vivo pode existir durante muito tempo em condições de realidade absoluta, mantendo a sanidade; há quem diga que até as cotovias e os gafanhotos sonham. Hill House, uma casa nada sã, erguia-se solitária entre as colinas que a rodeavam, com uma profunda escuridão dentro de si; existia há oitenta anos e provavelmente existiria por mais oitenta. Por dentro, as paredes continuavam sólidas, os tijolos encaixados com precisão uns nos outros, os soalhos firmes e as portas sensatamente fechadas; o silêncio cobria a madeira e a pedra de Hill House, e o que por lá andasse, andava sozinho.

John Montague era doutor em Filosofia; formara-se em Antropologia, com o instinto obscuro de que, nesse campo, poderia aproximar-se mais da sua verdadeira vocação, a análise das manifestações sobrenaturais. Era escrupuloso no uso do seu título porque, atendendo ao carácter tão pouco científico das suas investigações, esperava conseguir com a sua formação académica um ar de respeitabilidade ou até mesmo de autoridade erudita, que provinha da sua educação. Custara-lhe muito, em dinheiro e em orgulho, pois não era homem de implorar, alugar a Hill House por três meses, mas estava totalmente confiante de que seria compensado pelos seus esforços pela sensação que a publicação do seu trabalho final sobre as causas e efeitos dos distúrbios psíquicos numa casa dita «assombrada» iria causar. Passara a vida inteira à procura de uma casa genuinamente assombrada. Quando ouviu falar de Hill House, ficou indeciso a princípio, depois esperançado e, por fim, infatigável; não era homem para abrir mão de Hill House depois de a ter descoberto.

As intenções do Dr. Montague com relação à Hill House tinham origem nos métodos dos intrépidos caçadores de fantasmas do

século XIX; ia morar em Hill House e ver o que lá acontecia. A sua intenção inicial era seguir o exemplo da senhora anónima que foi morar na Casa Ballechin e deu uma festa que durou o Verão inteiro para cépticos e crentes, tendo como atracções principais jogos de cróquete e observação de fantasmas, mas é cada vez mais difícil encontrar cépticos, crentes e bons jogadores de cróquete; o Dr. Montague foi obrigado a contratar assistentes. Talvez a despreocupação da vida vitoriana fosse mais aconselhada para os expedientes da investigação psíquica, ou talvez a documentação exaustiva de fenómenos tenha deixado há muito tempo de ser utilizada para determinar a sua veracidade; seja como for, o Dr. Montague não só teve de contratar assistentes, como também de os procurar.

Como se considerava uma pessoa cuidadosa e conscienciosa, passou muito tempo à procura dos seus assistentes. Vasculhou os arquivos das sociedades psíquicas e de antigos jornais sensacionalistas, relatórios de parapsicólogos, e acabou por compilar uma lista de nomes de pessoas que, de uma maneira ou de outra, num ou noutro momento, tivessem estado envolvidas em acontecimentos anormais, por mais breves ou duvidosos que tivessem sido. Dessa lista, começou por eliminar os nomes das pessoas que já tinham morrido. Depois de riscar os nomes dos que lhe pareceram querer apenas publicidade, ter uma inteligência abaixo do normal, ou ser indesejáveis por revelarem uma tendência óbvia para ser o centro das atenções, ficou talvez com uma lista de uma dúzia de nomes. Cada uma dessas pessoas recebeu, então, uma carta do Dr. Montague, onde era convidada a passar parte ou todo o Verão numa casa de campo confortável, antiga, mas perfeitamente equipada com canalização, electricidade, aquecimento central e colchões limpos. O objectivo da estadia, conforme claramente descrito nas cartas, era observar e explorar as histórias desagradáveis que circulavam sobre a casa durante a maior parte dos seus oitenta anos de existência. As cartas do Dr. Montague não diziam abertamente que a Hill House era assombrada, porque ele era um homem da ciência e, enquanto não tivesse uma experiência pessoal de uma manifestação psíquica em Hill House, não iria confiar demasiado na sua sorte. Consequentemente, as cartas

tinham uma certa dignidade ambígua, cuidadosamente calculada de forma a despertar a imaginação de um leitor muito especial. O Dr. Montague recebeu quatro respostas às suas doze cartas, presumindo-se que os outros oito candidatos tinham mudado de casa sem deixar a nova morada, tinham perdido interesse no sobrenatural ou até, talvez, nunca tivessem existido. Aos quatro que responderam, o Dr. Montague escreveu novamente, marcando o dia em que a casa estaria oficialmente considerada pronta para ser ocupada e dando instruções detalhadas sobre a forma de lá chegar, pois sentia-se forçado a explicar que era muito difícil obter informações sobre o caminho que dava acesso à casa, principalmente por parte da comunidade rural que a cercava. Na véspera do dia em que partiria para a Hill House, o Dr. Montague foi persuadido a incluir no seu grupo restrito um representante da família a quem a casa pertencia e recebeu um telegrama de um dos candidatos a desistir do convite com uma desculpa claramente inventada. Um dos outros candidatos nem apareceu, nem escreveu, talvez devido a algum problema pessoal urgente. Os outros dois vieram.

Eleanor Vance tinha trinta e dois anos quando entrou em Hill House. A única pessoa no mundo que ela odiava genuinamente, agora que a sua mãe morrera, era a irmã. Não gostava do cunhado nem da sobrinha de cinco anos, e não tinha amigos. Isso devia-se em grande parte aos onze anos que passara a cuidar da mãe inválida, que lhe tinham dado alguma experiência como enfermeira e uma incapacidade de encarar a luz do sol sem piscar os olhos. Não conseguia lembrar-se de alguma vez ter sido feliz na sua vida adulta; os anos passados com a mãe tinham sido devotadamente preenchidos com pequenas culpas e pequenas recriminações, um cansaço constante e um desespero infinito. Nunca quisera ser uma pessoa reservada e tímida, mas tinha passado tanto tempo sozinha, sem ter ninguém a quem amar, que lhe era difícil falar com alguém, mesmo que se tratassem apenas de algumas palavras de circunstância, sem se sentir constrangida e completamente incapaz de dizer o que quer que fosse. O seu nome tinha aparecido na lista

do Dr. Montague porque um dia, quando tinha doze anos e a irmã dezoito, e o pai falecera há menos de um mês, tinha havido uma queda monumental de pedras sobre a sua casa, sem qualquer aviso ou qualquer indicação da razão ou do objectivo de tal facto, soltando-se dos tectos e rolando ruidosamente pelas paredes, partindo janelas e batendo loucamente no telhado. As pedras continuaram a cair intermitentemente durante três dias, mas Eleanor e a irmã acabaram por ficar menos nervosas com as pedras do que com os vizinhos e curiosos que se agrupavam todos os dias junto à porta de entrada, e com a mãe, que insistia cega e histericamente que tudo aquilo era culpa das pessoas maliciosas e cruéis das redondezas, que sempre a tinham detestado desde que se mudara para lá. Ao fim de três dias, Eleanor e a irmã foram para casa de uma amiga, e as pedras pararam de cair e nunca mais voltaram a cair, embora Eleanor, a irmã e a mãe tivessem voltado a residir na casa, e os conflitos com a vizinhança nunca tivessem terminado. A história tinha sido esquecida por todos, menos pelas pessoas que o Dr. Montague consultara; e fora de certeza esquecida por Eleanor e pela irmã, sendo que, na altura, cada uma tinha pensado que a outra é que era culpada.

Ao longo de toda a sua vida, no seu íntimo, e desde as suas primeiras memórias, Eleanor esperara sempre por alguma coisa que se assemelhasse a Hill House. Enquanto cuidava da mãe, levantando uma velha rabugenta da cadeira para a cama, arrumando uma sucessão infinita de tabuleiros com sopa e papas de aveia, ganhando coragem para enfrentar a sua roupa imunda, Eleanor nunca deixara de se agarrar à crença de que um dia alguma coisa aconteceria. Aceitara imediatamente o convite para a Hill House, embora o cunhado tivesse insistido em telefonar para algumas pessoas para ter a certeza de que a intenção desse tal doutor não era envolver Eleanor em certos rituais selvagens, relacionados com assuntos que a irmã de Eleanor considerava impróprios para uma rapariga solteira.

– Talvez – murmurara a irmã de Eleanor na privacidade do seu quarto conjugal –, talvez o Dr. Montague, se é que *esse* é o seu verdadeiro nome, talvez esse Dr. Montague *usasse* essas mulheres para, bem, para... *experiências*. Tu sabes... *experiências*, o que costumam fazer. A irmã de Eleanor teceu frases rebuscadas sobre

as experiências que tinha ouvido dizer que esses médicos faziam. Eleanor não pensava assim ou, se pensava, não tinha medo. Em suma, Eleanor teria ido para qualquer lugar.

Theodora – era o único nome que usava; assinava os seus desenhos como «Theo» e na porta da sua casa, na vitrina da sua loja, na lista de números de telefone, no papel de carta e sob a bela fotografia pendurada sobre a lareira, o nome era sempre apenas Theodora – Theodora não era nada parecido com Eleanor. Para ela, o dever e a consciência eram atributos que assentavam muito bem às escuteiras. O mundo de Theodora era feito de prazeres e cores suaves; fazia parte da lista do Dr. Montague porque – entrando no laboratório a rir e arrastando consigo uma onda de perfume floral – conseguira, sem saber como, divertida e excitada com a sua própria e inacreditável perícia, identificar correctamente dezoito cartões em vinte, quinze cartões em vinte, dezanove cartões em vinte, que eram seleccionados por um assistente que estava noutra sala, sem que Theodora pudesse vê-lo ou ouvi-lo. O nome de Theodora ficara famoso no laboratório e, inevitavelmente, chamara a atenção do Dr. Montague. Theodora ficara divertida com a primeira carta do Dr. Montague e respondera por curiosidade (talvez a sabedoria que se revelara a Theodora, permitindo-lhe dizer os nomes dos símbolos nos cartões que não podia ver, a impelisse em direcção à Hill House), embora estivesse plenamente decidida a declinar o convite. No entanto – talvez devido à mesma sensação de excitação e urgência –, quando recebera a carta de confirmação do Dr. Montague, Theodora sentira-se tentada a aceitar e envolvera-se cegamente e sem motivo numa discussão violenta com a amiga com quem dividia a casa. Ambas haviam dito coisas que só o tempo permitiria esquecer; Theodora partira, propositada e cruelmente, uma pequena e encantadora estatueta que a amiga esculpira para ela, e a amiga, num gesto impiedoso, rasgara aos bocados o livro de Alfred de Musset que Theodora lhe oferecera nos anos, destruindo ainda mais ostensivamente a página que continha a afectuosa e estimulante dedicatória de Theodora. Obviamente, era impossível esquecer

esses gestos, e era preciso tempo para que se pudessem rir juntas de tudo aquilo; Theodora escrevera nessa mesma noite ao Dr. Montague aceitando o seu convite e partira no dia seguinte num silêncio gélido.

Luke Sanderson era um mentiroso. E também um ladrão. A sua tia, que era dona de Hill House, costumava dizer que o sobrinho tinha a melhor educação, a melhor roupa, o melhor gosto e os piores companheiros que ela alguma vez conhecera; e não deixava escapar uma oportunidade de o pôr, em segurança, longe dali por algumas semanas. O advogado da família foi incumbido de explicar ao Dr. Montague que a casa não podia de forma alguma ser alugada para aqueles fins sem a presença categórica de um membro da família durante a sua permanência, e talvez no seu primeiro encontro o doutor tenha detectado em Luke uma espécie de força, ou um instinto felino de autopreservação que o fez ficar quase tão ansioso quanto Mrs. Sanderson pela permanência de Luke na casa. No final, Luke achou graça, a tia ficou agradecida, e o Dr. Montague mais do que satisfeito. Mrs. Sanderson disse ao advogado da família que, afinal de contas, não havia nada na casa que Luke pudesse roubar. As pratas antigas tinham um certo valor, disse ao advogado, mas constituíam uma dificuldade quase insuperável para Luke: era preciso energia para as roubar e as transformar em dinheiro. Mrs. Sanderson estava a ser injusta com Luke. Não era homem para roubar as pratas da família, ou o relógio do Dr. Montague, ou a pulseira de Theodora; a desonestidade dele limitava-se a tirar uns trocos da carteira da tia ou a fazer batota quando jogava às cartas. Tinha também uma certa tendência para vender os relógios e as cigarrinhas que as amigas da tia, corando, lhe ofereciam carinhosamente. Um dia, Luke herdaria a Hill House, mas não conseguia imaginar-se a viver nela.

– Acho que ela não deve levar o carro. É só isso – disse o cunhado de Eleanor, teimosamente.

– Metade do carro é minha – retorquiu Eleanor. – Ajudei a pagá-lo.

– Acho que ela não deve levá-lo – repetiu o cunhado. Depois, apelando para a mulher, acrescentou: – Não é justo que ela fique com o carro durante o Verão todo e que nós fiquemos sem ele.

– A Carrie é que anda sempre com o carro. Eu nem o tiro da garagem – disse Eleanor. – Além disso, vocês vão passar o Verão nas montanhas e *lá* não vos vai servir de nada. Sabes perfeitamente que não podes andar de carro nas montanhas, Carrie.

– Mas imagina que a Linnie fica doente, ou coisa do género? E que precisamos do carro para a levar ao médico?

– Sou dona de metade do carro – disse Eleanor. – E vou levá-lo.

– E se a *Carrie* adoecesse? Imagina que não conseguíamos arranjar um médico e tínhamos de a levar para o hospital?

– Quero o carro. E vou levá-lo.

– Não me parece – disse Carrie, arrastando propositadamente as palavras. – Nem sequer sabemos aonde é que vais, pois não? Achaste que não devias dar muitas explicações, não foi? Não estou nada inclinada a emprestar-te o carro.

– Metade do carro é minha.

– Não – disse Carrie. – Não podes levar o carro.

– É isso mesmo – concordou o cunhado de Eleanor. – É como a Carrie disse. Precisamos do carro.

– Nunca me perdoaria se te emprestasse o carro e te acontecesse alguma coisa, Eleanor – disse Carrie, esboçando um ligeiro sorriso. – Será que podemos confiar nesse tal doutor? Ainda és uma mulher nova, e o carro vale muito dinheiro.

– Sim, Carrie, mas eu telefonei para o Homer da secção de crédito e ele disse-me que esse tipo tem muito boa reputação...

Ainda a sorrir, Carrie interrompeu:

– Claro, *não* há razão para pensar que não seja um homem decente. Mas a Eleanor não quer dizer-nos para onde vai, nem como podemos contactar com ela, se precisarmos do carro; pode acontecer alguma coisa, e talvez nunca venhamos a sabê-lo. Mesmo que a *Eleanor*... – continuou delicadamente dirigindo-se à sua chávena de chá –, mesmo que a Eleanor esteja disposta a ir

até ao fim do mundo a convite de um homem qualquer, isso não quer dizer que possa levar o meu carro.

– Metade do carro é minha.

– Supõe que a Linnie adoce, lá nas montanhas, sem ninguém por perto, sem nenhum médico?

– Seja como for, Eleanor, tenho a certeza de que estou a fazer o que a Mãe acharia melhor. A Mãe confiava em mim e de certeza que não aprovaria que eu te deixasse ir, como uma maluca, sabe Deus para onde, no meu carro.

– Olha, imagina que sou *eu* que adoço, lá em...

– Tenho a certeza de que a Mãe concordaria comigo, Eleanor.

– Além disso – disse o cunhado de Eleanor, como se a ideia lhe tivesse surgido num repente –, como é que podemos ter a certeza de que ela vai trazer o carro em boas condições?

Tem de haver uma primeira vez para tudo, disse Eleanor para consigo mesma. Saiu do táxi, de manhã muito cedo, a tremer, porque, naquele momento, a irmã e o cunhado podiam estar a começar a sentir as primeiras suspeitas, ainda que ténues; tirou rapidamente a mala do táxi, enquanto o motorista retirava a caixa de cartão que estava no assento da frente. Eleanor deu-lhe uma gorjeta grande de mais, pensando que a irmã e o cunhado poderiam estar a segui-la ou até mesmo, naquele preciso momento, a virar a esquina e a dizerem um ao outro: «Lá está ela, exactamente como pensávamos, a ladra, lá está ela»; virou-se apressadamente para entrar na grande garagem onde guardavam o carro, lançando olhares nervosos para as extremidades da rua. Esbarrou numa senhora muito baixinha, fazendo voar embrulhos em todas as direcções, e ficou muito consternada ao ver um saco virar-se ao contrário e rebentar no passeio, espalhando uma fatia de *cheesecake* partida, rodela de tomate, uma carcaça.

– Malvada, malvada! – gritou a mulherzinha, com a cara muito próxima da de Eleanor. – Ia levar isto para casa, sua malvada!

– Desculpe – disse Eleanor.

Baixou-se, mas não parecia possível apanhar os bocados de tomate e *cheesecake* e metê-los outra vez no saco rasgado. A velhota, de ar carrancudo, já tinha a agarrado nos outros embrulhos antes de

Eleanor os alcançar e, por fim, Eleanor levantou-se e tentou esboçar um sorriso constrangido de desculpa. – Peço-lhe muita desculpa.

– Vá p'ró diabo – disse a velhota, já mais calma. – Ia levar isto para casa para o meu almoço. E agora, por *sua* culpa...

– Talvez eu possa pagar-lhe pelo prejuízo. – Eleanor pegou na carteira, e a velhota ficou parada, a pensar.

– Não posso aceitar dinheiro, assim sem mais nem menos – disse, por fim. – É que eu não comprei estas coisas. Eram restos. – Estalou os lábios, muito zangada. – Havia de ver o presunto que eles tinham – disse –, mas houve alguém que lhe deitou a mão antes de mim. E o bolo de chocolate. E a salada de batata. E os docinhos em pratinhos de cartão. Cheguei tarde demais para quase tudo. E agora... – Olharam ambas para a confusão que jazia no passeio, e a velhinha disse: – Por isso, está a ver que não posso aceitar dinheiro, assim dado de mão beijada, por uns restos de comida.

– Então posso comprar alguma coisa para substituir isso? Estou com muita pressa, mas se conseguíssemos encontrar algum lugar aberto...

A velhinha sorriu maliciosamente.

– Ainda tenho *isto* – disse, e apertou um embrulho contra peito. – Pode pagar o táxi para me levar a casa. Assim, já *ninguém* esbarrará em mim.

– Com todo o prazer – respondeu Eleanor e virou-se para o motorista, que ficara a ouvir a conversa com todo o interesse. – Pode levar esta senhora a casa? – perguntou.

– Dois dólares devem chegar – disse a velhinha –, sem a gorjeta do cavalheiro, é claro. Sendo *eu* assim tão pequena – explicou delicadamente –, é um perigo, um grande perigo, ser empurrada pelas pessoas. Mas é um prazer encontrar uma pessoa tão educada, disposta a pagar a despesa. Às vezes as pessoas que esbarram em nós nem param para ver o que aconteceu. – Com a ajuda de Eleanor, entrou no táxi com os embrulhos e Eleanor tirou dois dólares e cinquenta cêntimos do porta-moedas e entregou-os à velhinha, que segurou o dinheiro bem apertado na sua minúscula mão.

– Então, minha querida – disse o motorista –, para onde é que vamos?

– Digo-lhe depois de arrancar – respondeu a velhinha dando uma risada, e virando-se para Eleanor: – Boa sorte, minha querida. A partir de agora, tenha cuidado para não andar a chocar com as pessoas.

– Adeus – disse Eleanor – e, mais uma vez, as minhas desculpas.

– Tudo bem – respondeu a velhinha, acenando com a mão quando o táxi se afastou do passeio. – Vou rezar por si, minha querida.

Bem, pensou Eleanor, vendo o táxi afastar-se, pelo menos há uma pessoa que vai rezar por mim. Pelo menos, uma pessoa.

Era o primeiro dia de Verão em que o sol estava verdadeiramente brilhante. Era uma época do ano que fazia com que Eleanor tivesse saudades da sua infância, pois parecia-lhe que era sempre Verão. Não conseguia lembrar-se de nenhum Inverno antes da morte do pai, num dia frio e húmido. Nos últimos tempos, vendo os anos a voar, tinha começado a pensar o que teria feito em todos esses Verões desperdiçados; como poderia tê-los gastado tão irreflectidamente? *Sou uma pateta*, dizia a si mesma no princípio de cada Verão, *sou uma grande pateta; sou uma mulher feita e sei o valor das coisas. Não há nada que esteja totalmente perdido*, pensava sensatamente, *nem mesmo a nossa infância*, e então todos os anos, numa manhã de Verão, soprava uma brisa quente na rua por onde ela seguia e vinha-lhe sempre à cabeça o mesmo pensamento cruel: *já desperdicei mais tempo*. Mas, naquela manhã, enquanto conduzia o pequeno carro que era dela e da irmã, apreensiva por eles poderem perceber que ela acabara mesmo por ir buscar o carro, percorrendo a rua docilmente, seguindo o trânsito, parando quando era obrigada e virando quando podia, sorriu para os raios de sol oblíquos sobre a rua e pensou, *estou a ir, estou a ir, finalmente dei um passo em frente*.

Sempre que a irmã lhe tinha dado autorização para usar o carro, tinha tido um cuidado extremo para evitar o menor arranhão ou moosa que a pudesse irritar, mas naquele dia, com a caixa de cartão

no banco de trás, a mala no chão, as luvas e o casaco leve no assento ao seu lado, o carro pertencia-lhe completamente, um pequeno mundo confinado que era todo dela; estou mesmo a ir, pensou.

No último sinal de trânsito da cidade, antes de voltar para a via rápida por onde se saía da cidade, parou, à espera, e tirou a carta do Dr. Montague da mala. *Nem vou precisar de mapa*, pensou, *ele deve ser um homem muito cuidadoso*. «... Estrada 39 para Ashton», dizia a carta, «depois vira à esquerda para a Estrada 5 que vai para oeste. Ao fim de uns quarenta quilómetros chegará à pequena aldeia de Hillsdale. Atravesse Hillsdale até a esquina onde há uma bomba de gasolina à esquerda e uma igreja à direita e aí vire à esquerda para uma estrada secundária estreita; vai começar a subir as colinas e a estrada é muito má. Siga até ao fim dessa estrada – cerca de nove quilómetros – e chegará aos portões de Hill House. Estou a dar-lhe estas instruções tão detalhadas porque não é nada aconselhável parar em Hillsdale para pedir informações. As pessoas da aldeia são muito desagradáveis com os estranhos e abertamente hostis para qualquer pessoa que faça perguntas sobre a Hill House. Estou muito contente por a Eleanor se juntar a nós em Hill House e terei todo o prazer em conhecê-la na quinta-feira, vinte e um de Junho...»

O sinal mudou; entrou na via rápida e livrou-se da cidade. *Agora ninguém consegue apanhar-me*, pensou, *nem sequer sabem em que direcção vou*.

Nunca conduzira sozinha por tão grandes distâncias. A ideia de dividir aquela viagem maravilhosa em quilómetros e horas era uma patética; enquanto mantinha o carro precisamente entre o risco branco da estrada e a fileira de árvores ao longo da berma, viu a viagem como uma passagem de momentos, cada um novo, que a levavam consigo, por um caminho incrivelmente novo, para um sítio onde nunca tinha estado. A viagem, em si, era um gesto positivo da sua parte, um destino vago, inimaginável, talvez inexistente. Estava decidida a saborear cada curva da estrada, admirando as árvores e as casas e as vilas pequenas e feias, e rindo sozinha por poder decidir parar onde lhe apetecesse e ficar o tempo que quisesse. *Podia parar o carro à beira da estrada – embora fosse proibido*, disse para si mesma; seria multada, se

o fizesse – e deixá-lo lá enquanto passeava pela paisagem suave e acolhedora que via mais ao longe. Podia andar até ficar exausta, caçando borboletas ou seguindo um riacho, e chegar ao cair da noite à cabana de algum lenhador que lhe desse abrigo; podia ficar a viver em East Barrington ou Desmond ou na aldeia de Berk; podia também continuar a conduzir pela estrada fora, sem nunca parar, até os pneus do carro estarem completamente gastos, levando-a até ao fim do mundo.

E pensou: *Também posso seguir simplesmente até à Hill House, onde me esperam e onde me darão alojamento e alimentação e, ainda, um pequeno salário em compensação por ter abandonado os meus compromissos e as minhas relações pessoais na cidade e por ter fugido para conhecer o mundo. Como será o Dr. Montague? Como será a Hill House? Quem mais estará lá?*

Já estava bem longe da cidade, atenta ao local onde deveria virar para a Estrada 39, o tapete mágico que o Dr. Montague escolhera para ela, entre todas as estradas possíveis para a levar sã e salva até ele e à Hill House; nenhuma outra estrada poderia levá-la do sítio onde estava até ao sítio para aonde queria ir. O Dr. Montague tinha-se tornado infalível; por baixo da placa para a Estrada 39 estava uma outra a indicar: ASHTON, 181 KM.

A estrada, agora sua amiga íntima, curvava, descia e escondia surpresas – ora uma vaca a olhar para ela por cima de uma cerca, ora um cão indiferente –, desembocando em vales que aconchegavam pequenas cidades, passando por campos e pomares. Na rua principal de uma aldeia passou por uma casa enorme, com colunas e cercada por muros, com as portadas das janelas fechadas e dois leões de pedra a guardar as escadas, e pensou que talvez gostasse de viver ali, limpar o pó aos leões todas as manhãs e despedir-se deles à noite com uma pancadinha na cabeça. *O tempo está a começar nesta manhã de Junho*, disse para si mesma, *mas é um tempo estranhamente novo e diferente; nestes poucos segundos vivi uma vida inteira numa casa com dois leões à frente. Todas as manhãs varria o alpendre e uma vez por semana lavava-lhes o focinho, a juba e as patas com água morna e bicarbonato de soda, e limpava-lhes os espaços entre os dentes com um algodão. Dentro de casa, as divisões eram altas e claras, com soalhos*

brilhantes e janelas de vidros imaculados. Uma velhinha atenciosa tomava conta de mim, deslocando-se cerimoniosamente com um serviço de chá de prata numa bandeja e trazendo-me um copo de vinho de sabugueiro todas as noites para bem da minha saúde. Jantava sozinha na comprida e silenciosa sala de jantar a uma mesa reluzente, e entre as janelas altas os painéis de madeira branca das paredes brilhavam à luz das velas; comia aves e rabanetes da horta, e doce de ameixa feito em casa. Dormia sob um dossel de organdi branco e uma pequena luz acesa no corredor protegia-me. As pessoas cumprimentavam-me com uma vénia nas ruas da cidade, porque todas se orgulhavam muito dos meus leões. Quando morri...

A cidade já ficara para trás há muito tempo e passava agora por barracas sujas e fechadas, onde se serviam refeições, e por letreiros estragados. Tinha havido uma feira perto dali há muito tempo, com corridas de motas; nalguns letreiros ainda havia restos de palavras. Poço, lia-se num deles, e num outro MORTE. Riu-se de si própria, percebendo que via presságios em toda a parte; *a expressão é «poço da morte», Eleanor, corridas de mota temerárias*, e abrandou porque estava a ir depressa demais e podia chegar à Hill House cedo demais.

A certa altura parou na berma da estrada e ficou a olhar, incrédula e extasiada. Tinha percorrido uns trezentos metros sempre a admirar uma fileira de maravilhosos loendros, bem cuidados, com flores cor-de-rosa e brancas a despontarem. Chegara aos portões que eles protegiam e para lá do qual continuavam. A entrada resumia-se a dois pilares de pedra muito estragados, por entre os quais se estendia o caminho que se perdia em campos abandonados. Viu que os loendros se afastavam desse caminho, prolongando-se pelos dois lados de um grande largo, e que para lá desse largo a fila de loendros parecia seguir um pequeno riacho. Nesse largo não havia nada, nenhuma casa, nenhum edifício, nada, a não ser a estrada que terminava no riacho. *O que estaria ali, interrogava-se ela, o que estaria ali e tinha desaparecido, ou o que deveria estar ali e nunca chegara a existir? Teria sido uma casa, um jardim ou um pomar? Teria sido afastado dali para sempre ou iria voltar?* Lembrou-se que os loendros eram árvores venenosas; estariam ali a guardar alguma coisa? *Será que vou sair do carro*, pensou,

entrar pelos portões em ruínas e, quando estiver no mágico largo rodeado de loendros, descobrir que cheguei a um país encantado, venenosamente protegido dos olhares das pessoas que passam? Se atravessar os pilares mágicos, será que vou dar comigo para lá da barreira protectora e quebrar a magia? Irei encontrar um jardim perfumado, com fontes e bancos e rosas a treparem pelos troncos das árvores, e um caminho – um caminho de rubis e esmeraldas, suficientemente suave para ser pisado pela filha de um rei, com sandálias nos seus pezinhos delicados – que me levará directamente ao palácio enfeitado? Subirei os pequenos degraus da escada guardada pelos leões de pedra e entrarei num pátio onde jorra a água de uma fonte, e a rainha espera, em lágrimas, que a princesa regresse? Deixará cair o bordado quando me vir e chamará os servos do palácio – que finalmente despertarão do seu longo sono – para que preparem um grande banquete, porque o encantamento foi desfeito e o palácio vai voltar a ser o que era? E viveremos felizes para sempre.

Não, claro que não, pensou, voltando-se para ligar o motor, quando o palácio se tornar visível e o encantamento for desfeito, todo o feitiço será desfeito, e toda esta extensão para lá dos loendros voltará à forma antiga, desvanecendo-se, vilas e letreiros e vacas, numa doce imagem verde tirada de um conto de fadas. E, das colinas, virá um príncipe a cavalo, resplandecente com as suas vestes verdes e douradas, com cem arqueiros cavalgando atrás dele, com as flâmulas a dançarem ao vento, os cavalos a relincharem, as jóias a reluzirem...

Sorriu e virou-se para se despedir dos loendros mágicos. *Noutro dia, disse-lhes, voltarei noutro dia para quebrar o vosso feitiço.*

Parou para almoçar depois de ter percorrido cento e cinquenta e um quilómetros. Encontrou um restaurante simplório que se anunciava como um velho moinho e, por incrível que pareça, sentou-se num terraço sobre um regato veloz, a admirar os seixos molhados e o brilho inebriante da água a correr, com uma taça de vidro lapidado com queijo à sua frente e pequenas fatias de pão de milho envoltas num guardanapo. Como o tempo e o lugar eram de feitiços rapidamente feitos e desfeitos, apeteceu-lhe prolongar o almoço, sabendo que a Hill House estaria sempre à sua espera

no fim do dia. As únicas pessoas que estavam no restaurante para além dela eram uma família, a mãe e o pai com um menino e uma menina, que conversavam em voz baixa e doce, e, a certa altura, a menina voltou-se e olhou para Eleanor com notória curiosidade e, pouco depois, sorriu. Os reflexos do rio espelhavam-se no tecto, nas mesas envernizadas e nos caracóis da menina, e a mãe disse:

– Ela quer a sua chávena de estrelas.

Eleanor levantou os olhos, surpreendida; a menina estava a afundar-se na cadeira, recusando-se a beber o leite, enquanto o pai franzia a testa, o irmão dava pequenas risadinhas e a mãe repetia calmamente:

– Ela quer a sua chávena de estrelas.

É claro, pensou Eleanor, *é claro, é o que eu também quero: uma chávena de estrelas.*

– É a chávena dela – explicou a mãe, com um sorriso de desculpa para a empregada, que não percebia porque é que o leite do campo, tão bom, não servia para a menina. – Tem estrelas no fundo, e é sempre nessa chávena que ela bebe o leite em casa. Diz que é a sua chávena de estrelas, porque ao beber o leite vê as estrelas.

A empregada acenou com a cabeça, com um ar muito pouco convicto, e a mãe disse à menina:

– Logo à noite, quando chegarmos a casa, bebes o leite na tua chávena de estrelas, mas agora, para seres uma boa menina, bebe o leite por este copo, está bem?

Não bebas, disse Eleanor à menina. *Insiste na tua chávena de estrelas; se conseguirem enganar-te e fazer com que fiques igual a toda a gente, nunca mais verás a tua chávena de estrelas; não faças isso.* A menina olhou para ela e esboçou um ligeiro sorriso, fazendo covinhas na cara, um sorriso subtil, de quem percebeu tudo, e abanou teimosamente a cabeça, recusando o copo. *Que menina tão corajosa,* pensou Eleanor, *tão sábia e corajosa.*

– Estás a estragá-la com mimos – disse o pai. – Não devíamos permitir que tivesse essas manias.

– É só desta vez – retorquiu a mãe.

Pousou o copo de leite na mesa e tocou ao de leve na mão da menina.

– Come o gelado – disse.

Quando saíram, a menina acenou a Eleanor e Eleanor retribuiu o gesto, permanecendo sentada a terminar o café, numa alegre solidão, enquanto o riacho corria contente lá em baixo. *Agora já não falta muito*, pensou. *Já fiz metade do caminho. O fim da viagem*, pensou, e no fundo da sua mente, a brilhar como a água do riacho, as notas finais de uma canção dançaram, trazendo consigo, muito esbatidas, algumas palavras: *Se tardares, perderás o melhor*, pensou, *se tardares, perderás o melhor*.

Esteve quase a ficar para sempre à saída de Ashton, porque encontrou uma pequena cabana afundada num jardim. *Podia viver ali sozinha*, pensou, abrandando para admirar a vereda aos ziguezagues através do jardim até à porta azul com um degrau, onde, para formar o quadro perfeito, estava um gato branco a dormir. *Ninguém me encontraria ali escondida, atrás das rosas, e para maior garantia, plantaria loendros junto à estrada. Acenderia a lareira em noites frias e assaria maçãs no lume feito por mim. Criaria gatos brancos e faria cortinas brancas para as janelas e, de vez em quando, abriria a porta azul para ir à loja comprar canela, chá e linhas. As pessoas iriam ter comigo para que eu lhes lesse a sina, e faria poções de amor para donzelas tristes; teria um passarinho...* Mas a cabana ficara muito lá para trás, e estava na altura de procurar a nova estrada, tão cuidadosamente descrita pelo Dr. Montague.

«Vire à esquerda para a Estrada 5 rumo a oeste», dizia a carta e, tão eficiente e prontamente como se ele estivesse algures a guiá-la, a manobrar o carro com comandos à distância, assim aconteceu; estava na Estrada 5 em direcção a oeste, e a viagem estava quase a chegar ao fim. *Mas, apesar do que ele disse*, pensou, *vou parar em Hillsdale um minuto, só para tomar um café, porque não suporto que a minha longa viagem termine assim tão cedo*. Não era propriamente uma desobediência; a carta dizia que não era aconselhável parar em Hillsdale para pedir informações, mas não dizia que era proibido parar para tomar café e, se não falasse em Hill House, talvez não acontecesse mal nenhum. *Seja como for*, pensou, meio confusa, *é minha última hipótese*.

Hillsdale surgiu à sua frente num abrir e fechar de olhos, um emaranhado desordenado de casas sujas e ruas tortas. Era uma aldeia

pequena; quando entrou na rua principal, viu logo, ao fundo, a esquina com a bomba de gasolina e a igreja. Parecia que só havia um sítio para beber café, um restaurante muito modesto e muito pouco atractivo, mas Eleanor estava decidida a parar em Hillsdale e, por isso, estacionou o carro junto ao lancil partido do passeio à frente do restaurante e saiu. Pensou por um instante e, acenando silenciosamente com a cabeça para Hillsdale, trancou o carro, por causa da mala no chão e da caixa no banco de trás. *Não vou ficar muito tempo em Hillsdale*, pensou, olhando para um lado e para o outro da rua, que era, mesmo à luz do sol, escura e feia. Um cão dormia inquieto à sombra de uma parede, uma mulher na ombreira de uma porta do outro lado da rua olhou para Eleanor e dois miúdos estavam encostados a uma cerca, num silêncio forçado. Eleanor, que tinha medo de cães estranhos, mulheres com olhar sarcástico e jovens rufias, entrou depressa no restaurante, agarrando com força a mala e as chaves do carro. Lá dentro havia um balcão e, por trás deste, uma rapariga sem queixo, cansada, e, ao fundo, um homem a comer. Pensou por um instante que ele devia estar a morrer de fome para ir comer num sítio daqueles, quando olhou para o balcão cinzento e para o vidro sujo que tapava um prato com *donuts*.

– Um café – pediu à rapariga atrás do balcão.

Ela voltou-se devagar e tirou uma chávena das pilhas que cobriam as prateleiras; *vou ter de beber este café porque disse que ia bebê-lo*, disse Eleanor para si própria com dureza, *mas, da próxima vez, darei ouvidos ao Dr. Montague*.

A rapariga e o homem eram cúmplices numa brincadeira qualquer; quando ela pôs o café à frente de Eleanor, olhou para ele e esboçou um meio sorriso, e ele encolheu os ombros, e depois ela riu-se. Eleanor levantou a cabeça, mas a rapariga estava a olhar para as unhas e o homem estava a limpar o prato com o pão. Se calhar o café estava envenenado; pelo aspecto, de certeza que estava. Decidida a ir até ao fundo do abismo que era Hillsdale, Eleanor disse à rapariga:

– Também quero um desses *donuts*, por favor.

A rapariga, olhando de soslaio para o homem, pôs o bolo num prato, que pousou à frente de Eleanor e riu-se quando cruzou de novo o olhar com o homem.

– É uma aldeia muito bonita – disse Eleanor. – Como é que se chama?

A rapariga ficou a olhar para ela; talvez nunca ninguém tivesse tido a ousadia de dizer que Hillsdale era bonita; passado um momento, olhou outra vez para o homem, como que a pedir a confirmação dele, e disse:

– Hillsdale.

– Mora aqui há muito tempo? – perguntou Eleanor.

Não vou falar de Hill House, prometeu à distância ao Dr. Montague, *só quero passar um bocado de tempo*.

– Moro – respondeu a rapariga.

– Deve ser agradável viver numa aldeia pequena como esta. Eu moro numa cidade.

– Ah, sim?

– Gosta de viver aqui?

– Mais ou menos – disse a rapariga. Olhou novamente para o homem, que estava a ouvir com toda a atenção. – Não há quase nada para fazer.

– É uma aldeia ou uma vila?

– É uma aldeia. Quer mais café?

A pergunta era para o homem, que estava a bater com a chávena no pires, e Eleanor, receosa, bebeu um primeiro golo do seu café, perguntando a si mesma como era possível que ele quisesse mais.

– Vem cá muita gente? – perguntou, quando a rapariga acabou de encher a chávena do homem e voltou a encostar-se às prateleiras. – Turistas, quero eu dizer?

– Para quê?

Por um instante, o olhar da rapariga relampejou, como se tivesse saído de um vazio maior do que Eleanor alguma vez tivesse visto.

– Porque é que alguém havia de vir cá? – Olhou mal-humorada para o homem e acrescentou: – Nem sequer um cinema há cá.

– Mas as colinas são tão bonitas. Há muitas aldeias recônditas como esta em que vem gente da cidade fazer uma casa nas colinas. Para terem privacidade.

A rapariga deu uma risadinha.

– Não, *aqui* não há nada disso.

– Ou então comprem casas antigas...

– Privacidade – repetiu a rapariga e riu de novo.

– Acho estranho – disse Eleanor, sentindo que o homem estava a olhar para ela.

– Pois é – concordou a rapariga. – Se ao menos houvesse cá um cinema.

– Pensei dar uma vista de olhos pelas redondezas – disse Eleanor à cautela. – As casas velhas costumam ser baratas e é engraçado restaurá-las.

– Aqui não há nada disso – disse a rapariga.

– Então – insistiu Eleanor – não há nenhuma casa velha por aqui? Nem nas colinas?

– Não.

O homem levantou-se, tirou dinheiro do bolso e falou pela primeira vez.

– As pessoas *vão-se embora* daqui. Não *vêm para cá*.

Quando a porta se fechou atrás dele, a rapariga voltou os olhos inexpressivos para Eleanor, talvez com algum ressentimento, como se Eleanor, com a sua tagarelice, tivesse afastado o homem dali.

– Ele tem razão – disse, por fim. – *Vão-se todos embora*, os que têm sorte.

– Porque é que não se vai embora? – perguntou Eleanor, e a rapariga encolheu os ombros.

– Será que ia para melhor? – perguntou.

Pegou desinteressadamente no dinheiro de Eleanor e deu-lhe o troco. Então, com um dos seus olhares relampejantes, relanceou os pratos vazios ao fundo do balcão e quase sorriu.

– Ele vem cá todos os dias – disse.

Quando Eleanor sorriu para ela e começou a falar, a rapariga virou-se de costas e ocupou-se a arrumar as chávenas que estavam nas prateleiras. Sentindo que ela estava a mandá-la embora, Eleanor levantou-se e pegou nas chaves do carro e na mala.

– Adeus – disse Eleanor, e a rapariga, ainda de costas para ela, retorquiu:

– Boa sorte. Espero que encontre a sua casa.

A estrada que passava pelo posto de gasolina e pela igreja era péssima, cheia de buracos e pedras. O pequeno carro de Eleanor dava saltos e tropeçava, relutante em prosseguir em direcção às colinas pouco atraentes, onde o dia parecia estar rapidamente a chegar ao fim sob as árvores espessas, opressivas, dos dois lados da estrada. *Parece que não há muito movimento por aqui*, pensou Eleanor com uma sensação estranha, virando rapidamente o volante para não bater numa grande pedra mesmo à sua frente; quase dez quilómetros nesta estrada não vão fazer nada bem ao carro; e, pela primeira vez em muitas horas, lembrou-se da irmã e riu-se. Naquela altura já deviam saber que ela tinha levado o carro e se fora embora, mas não sabiam para onde; deviam estar a dizer um ao outro, muito incrédulos, que nunca tinham imaginado que Eleanor fosse capaz de tal coisa. *Eu mesma nunca imaginaria ser capaz disto*, pensou, ainda a rir; *tudo mudou, sou uma nova pessoa, muito longe de casa. «Se tardares, perderás o melhor... A alegria é para todo o mal remédio universal...»* E susteve a respiração quando o carro bateu numa pedra e se atravessou na estrada com um ruído sinistro de alguma coisa a raspar por baixo, mas conseguiu controlar-se corajosamente e retomou a subida sinuosa. Os ramos das árvores arranhavam o pára-brisas, e estava a ficar cada vez mais escuro; *a Hill House deve aparecer em grande estilo*, pensou; *nem sei se o sol chega a aparecer por aqui*. Finalmente, com um esforço derreadeiro, o carro atravessou um emaranhado de folhas mortas e pequenos galhos espalhados na estrada e chegou a uma clareira junto à qual se encontravam os portões de Hill House.

Porque é que estou aqui?, pensou imediatamente, com uma sensação de impotência. *Porque é que estou aqui?* O portão era alto, sinistro e pesado, embutido num muro de pedra que desaparecia por entre as árvores. Mesmo dentro do carro, conseguia ver o cadeado e a corrente enrolada nas barras. Para lá do portão só conseguia ver que a estrada continuava e depois curvava, sob a sombra das árvores escuras e imóveis que a ladeavam.

Como o portão estava tão obviamente trancado – *fechado e trancado e com correntes e barras... quem é que quererá assim tão*

desesperadamente entrar?, pensou —, não tentou sair do carro, mas tocou a buzina, e as árvores e o portão estremeceram e contraíram-se um pouco com o som. Passado um minuto, buzinou outra vez e viu, então, um homem a vir na sua direcção do outro lado do portão; era tão sombrio e inóspito como o cadeado e, antes de chegar ao portão, olhou para ela por entre as barras, de sobrolho franzido.

— O que é que *voce quer?* — Tinha uma voz áspera, de pessoa má.

— Quero entrar, por favor. Abra o portão, se faz favor.

— Por ordem de quem?

— Como... — hesitou. — Disseram-me para entrar — disse, por fim.

— Para quê?

— Estão à minha espera.

Será que estão?, pensou de repente. *Será que não passo daqui?*

— Quem?

Claro que sabia que ele estava a divertir-se imenso a exercer a sua autoridade, como se, no momento em que abrisse o portão, perdesse a pouca superioridade temporária que achava que tinha — *e que superioridade tenho eu?*, pensou. *Afinal de contas, estou do lado de fora do portão.* Percebeu que, se perdesse a calma, o que raramente acontecia pelo medo que tinha de o resultado ser nulo, ele ir-se-ia embora, deixando-a ainda do lado de fora, a reclamar em vão. Conseguia até imaginar o seu ar inocente, se mais tarde fosse censurado por essa arrogância — o sorriso malicioso e imbecil, os olhos esbugalhados, a voz lamuriosa a dizer que tê-la-ia deixado *entrar*, que a *intenção* dele era deixá-la entrar, mas como é que podia ter certeza? Tinha de cumprir as ordens que lhe tinham dado, não era? Seria *ele* a arcar com as culpas se deixasse entrar alguém que não devia entrar, não era? Era como se estivesse a vê-lo encolher os ombros, e isso fê-la dar uma gargalhada, que era talvez a pior coisa que podia ter feito.

Sem tirar os olhos dela, afastou-se do portão.

— É melhor voltar mais tarde — disse, e virou-lhe as costas com um ar triunfal.

— Ouça — disse ela, erguendo a voz e continuando a tentar não parecer zangada —, sou um dos convidados do Dr. Montague; ele está à minha espera aí em casa... por favor, *ouça* o que eu estou a dizer!

Ele voltou-se e sorriu para ela com desdém.

– Não pode estar ninguém à sua *espera* – disse –, porque foi a única pessoa que *apareceu* até agora.

– Quer dizer que não está ninguém em casa?

– Que eu saiba, ninguém. Talvez a minha mulher, a arrumá-la.

Portanto não podem propriamente estar à sua *espera*, pois *não*?

Eleanor recostou-se no assento do carro e fechou os olhos. *Hill House*, pensou, é tão difícil entrar aí dentro como no céu.

– Suponho que saiba no que vai *meter-se* ao vir aqui? Devem ter-lhe dito lá na cidade, não? *Ouviu* dizer alguma coisa sobre esta casa?

– Só sei que fui convidada para vir para cá pelo Dr. Montague. Quando abrir o portão, eu entro.

– Eu vou abrir; eu vou abrir. Só quero ter a certeza que sabe o que a espera lá dentro. Já cá esteve alguma vez? Talvez seja da família, não?

Olhou bem para ela por entre as barras, com a sua expressão de escárnio a formar mais uma barreira, além do cadeado e da corrente.

– Não posso deixá-la entrar sem ter a certeza, não é verdade? Como é que disse que se chamava?

– Eleanor Vance – respondeu, com um suspiro.

– Então não é da família, pois não? *Ouviu* alguma coisa sobre esta casa?

É a minha hipótese, pensou, *estão a dar-me uma última oportunidade. Posso fazer inversão de marcha aqui e agora em frente do portão e ir-me embora, e ninguém vai censurar-me. Toda a gente tem o direito de fugir.* Pôs a cabeça fora da janela e disse com fúria:

– Chamo-me Eleanor Vance. Estão à minha espera em Hill House. Abra imediatamente o portão.

– Está bem, *está bem*.

Fazendo deliberadamente um espectáculo desnecessário a tentar enfiar a chave no cadeado e a rodá-la, lá acabou por abri-lo e soltar a corrente, abrindo o portão apenas o estritamente necessário para o carro passar. Eleanor avançou devagar, mas a pressa com que ele saltou para a berma da estrada fê-la pensar por um instante

que ele adivinhara o impulso passageiro que lhe cruzou o pensamento; riu-se e parou o carro, porque ele avançava na sua direcção a partir da berma, com prudência.

– Não vai gostar disto – disse. – Vai arrepende-se de eu lhe ter aberto o portão.

– Saia da frente – retorquiu Eleanor. – Já me fez perder tempo suficiente.

– Pensa que eles arranjarão alguém que lhe abra o portão? Acha que alguém ficaria aqui tanto tempo a não ser eu e a minha mulher? Acha que nós não podemos ter as coisas como queremos, há tanto tempo que nós cá estamos, que tenhamos a casa arrumada e que eu vos abra o portão, a vocês que vêm lá da cidade, convencidos de que sabem tudo?

– Afaste-se do carro, se faz favor.

Não ousava admitir perante si própria que tinha medo dele, receando que ele percebesse; encostado ao carro, a sua proximidade era hedionda, e o seu imenso ressentimento deixava-a confusa; era certo que o obrigara a abrir-lhe o portão, mas se calhar ele achava que a casa e o jardim lhe pertenciam. Lembrou-se de um nome referido na carta do Dr. Montague e perguntou, com curiosidade:

– Você é o Dudley, o caseiro?

– Sou, sou o Dudley, o caseiro – disse, imitando-a. – Quem mais poderia ser?

O fiel servidor da família, pensou, orgulhoso e leal e profundamente desagradável.

– Toma conta deste casarão sozinho com a sua mulher?

– Quem mais haveria de ser?

Era o seu orgulho, a sua maldição, o seu refrão.

Ela agitava-se no assento, inquieta, com medo de que fosse demasiado óbvio que estava a afastá-lo, mas querendo ao mesmo tempo, com pequenos ameaços de que ia pôr o carro a trabalhar, mantê-lo à distância.

– Tenho a certeza de que o senhor e a sua mulher vão fazer tudo para que nos sintamos bem – disse, tentando pôr um ponto final na conversa –, mas estou ansiosa para chegar o mais depressa possível a casa.

Ele fez uma careta desagradável.

– Pois *eu* – disse ele –, eu nunca venho aqui depois de escurecer.

Com um sorriso de orelha a orelha, satisfeito consigo próprio, afastou-se do carro, e Eleanor ficou-lhe grata, embora se sentisse desajeitada a pôr o carro a trabalhar sob o olhar dele. *Se calhar vai estar sempre a aparecer à minha frente no caminho até chegar à casa*, pensou, *como se fosse um gato, a gritar constantemente que eu devia dar-me por satisfeita por ter encontrado alguém disposto a ficar neste local até escurecer*. Para mostrar que não a incomodava rigorosamente nada a ideia da cara de Dudley, o caseiro, a aparecer por entre as árvores, começou a assobiar, um pouco irritada por descobrir que ainda tinha na cabeça a mesma melodia. «*A alegria é para todo o mal remédio...*» E disse para si própria, zangada, que tinha mesmo de fazer um esforço para pensar noutra coisa; tinha a certeza de que o resto das palavras eram muito pouco apropriadas, para estarem tão teimosamente escondidas da sua memória, e provavelmente até era indecoroso ser apanhada a cantar à chegada a Hill House.

De vez em quando, por cima das árvores, entre as árvores e as colinas, vislumbrava o que devia ser o telhado, talvez uma torre, de Hill House. *Faziam casas tão estranhas naquele tempo*, pensou; *construíam torres e torreões e contrafortes e rendilhados de madeira, às vezes até obeliscos góticos e gárgulas; nunca ficava nada por decorar. Talvez a Hill House tivesse uma torre ou um quarto secreto, ou até mesmo uma passagem subterrânea até às colinas, provavelmente usada por contrabandistas – embora fosse difícil imaginar o que haveria para contrabandear naquelas colinas solitárias. Talvez encontre um contrabandista diabolicamente belo e...*

Fez a curva e entrou na última recta, que a levou directamente até à Hill House e, sem pensar, travou a fundo e ficou no carro, a olhar.

A casa era vil. Estremeceu e pensou, com as palavras a fluírem livremente na sua mente: *Hill House é vil, é doentia; vai-te embora daqui já.*

John Montague, especialista e estudioso do oculto, chega a Hill House em busca de algo concreto que possa provar a existência do sobrenatural. Acompanham-no, Theodora, a sua assistente, Luke, o futuro herdeiro da propriedade e Eleanor, uma mulher solitária e frágil, já com experiência de encontros com *poltergeists*. Contudo, aquilo que, inicialmente, era apenas uma experiência em torno de fenómenos inexplicáveis torna-se, em pouco tempo, uma corrida pela sobrevivência, à medida que Hill House ganha poder e escolhe, de entre eles, aquele que quer para si...

A Maldição de Hill House é um dos mais perfeitos exemplos do terror e do suspense em literatura. Fonte de inspiração para nomes como Stephen King ou Guillermo del Toro, confessos admiradores de Shirley Jackson, a história foi adaptada por duas vezes ao cinema em filmes de grande sucesso.

«Uma mestre maior do terror e do suspense.»

The New York Times Book Review

«Shirley Jackson é uma escritora inimitável cujas palavras permanecem connosco durante muito tempo.»

Joyce Carol Oates

ISBN 978-989-623-251-1
9 789896 232511



cavalo de ferro